

o que procura ensinar aos seus alunos?

JMS – «Há a forma e o conteúdo. Ambos são importantes. A Universidade deve ser um lugar de partilha de conhecimentos, de ideias, de ensinamentos, de objectivos, de crescimento enquanto seres humanos. De uma forma geral, a Universidade está pouco preocupada em passar os conhecimentos de maneira próxima. Enquanto aluno, procurava desmistificar esse obstáculo, tentando ser amigo dos professores. Como professor, tento passar as coisas com a paixão que as sinto, sem entraves de índole racional que bloqueiem essa minha espontaneidade. Depois, tento passar o conteúdo de uma forma acessível a todos. Não interessa ser muito erudito se a mensagem não passa. O importante é que aquilo que tu transmites seja captado, percebido e que fique. A mensagem tem que ser simples, objectiva. O Jornalismo tem um pouco essa lacuna. Há pessoas que escrevem de uma forma muito erudita e a *massa* não entende. Na Faculdade, apesar de haver uma base cultural maior, os professores têm pouca preocupação de chegar a todos, acabando por marginalizar alguns e enaltecer as capacidades de outros. Tenho essa preocupação, mas lamento que o tempo que tenha seja muito restrito para desenvolver um projecto no âmbito que gostaria. Precisava de quatro anos para passar o que tenho em termos de conhecimentos. Assim, tenho que condensar esse conteúdo. No próximo ano, pretendo apostar mais no lado prático da disciplina, contando com o apoio da Escola. Os nossos cursos são muito teóricos. É importante que se dê uma maior relevância à componente prática porque a vida não se compadece muito com a teoria, quando ela não é decodificada pela prática».

Um poeta da vida

ND – Para além do domínio da técnica, não é importante também ter uma certa sensibilidade de poeta?

JMS – «Isso deve existir em tudo aquilo que tu fazes, para fotografares, para escreveres. Mas vou confessar uma coisa. Uma vez, um amigo meu, psicólogo, dizia-me: "Eu gosto muito da tua escrita. Só que lamento que não te coloques, não te exponhas. Tu tens medo de te expor". De facto, tenho um certo receio de me expor. Preocupou-me em ser o meio entre o que o público quer sobre alguém que cria e esse criador. Assim, não me exponho. Se bem que, de facto, as coisas passem pela paixão. Tudo o que fazes com intensidade, com amor, resulta muito melhor. Se escreves um texto com paixão, ele será mais apelativo para ti que escreves e para aquele que lê do que aquele que escreves de uma forma fria. Na fotografia, a aliança entre a técnica e a sensibilidade é muito mais próxima, e é fundamental. Isto acontece mais na fotografia do que na escrita. Diria que a escrita é um parto doloroso, enquanto a imagem é um acto mais de prazer. A fotografia é como se fosse fazer amor e a escrita é como se fosse ter um filho».

ND – Considera que, actualmente, há falta dessa paixão no jornalismo?

JMS – «Acho que há falta dessa paixão, de uma forma geral, neste final de século. As pessoas estão cada vez mais individualistas, mais egoístas, mais fechadas aos outros. Cada vez têm mais receio de se tocar, de falar. Isso traduz-se nas profissões, em que as pessoas têm um papel que se resume a cumprir horá-



«Na Faculdade, apesar de haver uma base cultural maior, os professores têm pouca preocupação de chegar a todos, acabando por marginalizar alguns e enaltecer as capacidades de outros»

rios e em que a entrega é cada vez menor. Erro crasso! Se vamos ter uma profissão durante toda a vida, como não amá-la, como não entregar-se a ela, como não ter prazer naquilo que se faz?! Se um dia deixar de ter prazer naquilo que faço, seja dar aulas, fotografar ou escrever, abandonarei essa profissão. As pessoas acomodam-se. Vivemos numa era de uma certa letargia. É pena, porque isso traduz-se em tudo aquilo que fazemos. A paixão é fundamental. Há um certo esperar por um futuro duvidoso. Não podemos esperar pelas coisas. Temos que ir atrás delas».

ND – Considera-se um poeta?

JMS – «Só escrevo poesia quando estou apaixonado, ou seja, não é assim tão frequente. Agora, tenho uma tendência curiosa de improvisar poesia em muitas circuns-

tâncias. Gosto de fazer poesia, mas deixá-la solta ao vento. As pessoas perguntam: «De quem é esse poema tão lindo?» Eu digo: «O poema já era. Saiu de improviso. Foi daquele momento, daquele tempo». Se me considero um poeta ou não? O que é um poeta? Se o poeta é aquele que consegue transpor as emoções de forma profunda, total e despida, acho que sim! Poeta enquanto *publicador* de poesia, ainda não. No Brasil fui considerado um grande poeta. Fui baptizado de *Manuel Camões*. Os jornais falavam de mim como um grande poeta e pediam-me poemas. Aí, tenho um trabalho com alguma solidez em termos de poesia. Mas acho que, basicamente, sou um poeta da vida. Para mim, poesia está muito ligada à paixão».

ND – Esteve em vários países, mas parece que foi o Brasil o que mais o marcou. Que tipo de relação tem com esse país?

JMS – «É uma relação de filho pródigo. O Brasil determinou a minha vida, porque vivi lá um período fulcral da minha existência, entre os 22 e os 26 anos. Determinou muito do meu futuro, na medida em que hoje sou uma pessoa extremamente espontânea muito graças ao Brasil; na medida em que tenho uma veia artística muito graças ao Brasil; na medida em que sou uma pessoa muito feliz muito graças ao Brasil. A coisa da libertação. Daí que seja um marco insuperável e eterno. Hei-de morrer muito ligado ao Brasil independentemente de voltar para lá ou não».

ND – Sebastião Salgado (fotógrafo brasileiro) é um dos seus fotógrafos por excelência?

JMS – «É, precisamente por isso. Ele consegue aliar de uma forma muito própria essa coisa que o brasileiro tem de ser livre, de ser feliz e ao mesmo tempo querer deixar um marco na terra, o que está ligado à espiritualidade. O Brasil é muito espiritual. Sebastião Salgado também o é. Consegue pegar em temas que transportam e carregam dor, sofrimento, mágoa e tristeza e dar-lhes dignidade, dar-lhes esperança. Quando um fotógrafo, um artista, consegue pegar na dor e dar-lhe uma conotação positiva, de facto, merece todo o meu reconhecimento. Apesar de lamentar muito que ele tenha abandonado a Magnum por questões meramente económicas. De qualquer forma, compreendo que, sendo ele economista de profissão, tenha uma perspectiva economicista da vida».

ND – Comemorou-se esta semana o centenário do nascimento de Hemingway. Aprecia este escritor?

JMS – «Gosto! Fui marcado por algumas obras dele, nomeadamente "Por quem os sinos dobram". Ele era uma pessoa que tinha uma tendência revolucionária muito vincada. Uma particularidade: o pai dele suicidou-se e ele suicidou-se também. Era um futurólogo do seu tempo. Ele tinha um iate e transformou-o num navio de guerra para ajudar os republicanos na Guerra Civil de Espanha. Era um viajante. Tinha uma paixão muito grande por Espanha e por África. Acho que é interessante ver como, cem anos depois, uma pessoa continua tão próxima ainda de todo o Mundo. Não é fantástico? A obra fala por si!».

ND – Referiu o suicídio. Não será um pouco paradoxal que um autor que tão sublimemente descreveu a vida tenha cometido suicídio?

JMS – «Acho estranho o pai dele ter-se suicidado e ele também. Por um lado, acho que estas coisas têm algo de hereditário. Por outro, acho que as pessoas que se entregam demasiado às coisas, tão apaixonadamente, talvez se cansem de ver que o Mundo não se compadece com tanta intensidade, com tão poucas pessoas capazes de serem recíprocas a esse dar. Hemingway tinha uma capacidade de dar incrível. A história dele é meio trágica. Na Primeira Guerra Mundial, ele é ferido no campo de batalha. É curioso e aparentemente paradoxal uma pessoa que vive tanto a guerra ser tão apaixonada pela paz. Mas acho que as pessoas que se dão muito, não tendo compensação, não tendo retorno, acabam por ter alguma dificuldade em viver neste Mundo, que, realisticamente falando, tem algo de cruel».

Filipa Júlio